

**IV CONGRESSO NACIONAL DA  
FEPODI**

**DIREITO, ARTE E LITERATURA**

**LIVIA GAIGHER BOSIO CAMPELLO**

**MARIANA RIBEIRO SANTIAGO**

Todos os direitos reservados e protegidos.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

#### **Diretoria – FEPODI**

**Presidente** - Yuri Nathan da Costa Lannes (UNINOVE)

**1º vice-presidente:** Eudes Vitor Bezerra (PUC-SP)

**2º vice-presidente:** Marcelo de Mello Vieira (PUC-MG)

**Secretário Executivo:** Leonardo Raphael de Matos (UNINOVE)

**Tesoureiro:** Sérgio Braga (PUCSP)

**Diretora de Comunicação:** Vivian Gregori (USP)

**1º Diretora de Políticas Institucionais:** Cyntia Farias (PUC-SP)

**Diretor de Relações Internacionais:** Valter Moura do Carmo (UFSC)

**Diretor de Instituições Particulares:** Pedro Gomes Andrade (Dom Helder Câmara)

**Diretor de Instituições Públicas:** Nevitton Souza (UFES)

**Diretor de Eventos Acadêmicos:** Abimael Ortiz Barros (UNICURITIBA)

**Diretora de Pós-Graduação Lato Sensu:** Thais Estevão Saconato (UNIVEM)

**Vice-Presidente Regional Sul:** Glauce Cazassa de Arruda (UNICURITIBA)

**Vice-Presidente Regional Sudeste:** Jackson Passos (PUCSP)

**Vice-Presidente Regional Norte:** Almério Augusto Cabral dos Anjos de Castro e Costa (UEA)

**Vice-Presidente Regional Nordeste:** Osvaldo Resende Neto (UFS)

#### **COLABORADORES:**

Ana Claudia Rui Cardia

Ana Cristina Lemos Roque

Daniele de Andrade Rodrigues

Stephanie Detmer di Martin Vienna

Tiago Antunes Rezende

---

ET84

Ética, ciência e cultura jurídica: IV Congresso Nacional da FEPODI: [Recurso eletrônico on-line] organização FEPODI/ CONPEDI/ANPG/PUC-SP/UNINOVE;

coordenadores: Livia Gaigher Bosio Campello, Mariana Ribeiro Santiago – São Paulo: FEPODI, 2015.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-5505-143-2

Modo de acesso: [www.conpedi.org.br](http://www.conpedi.org.br) em publicações

Tema: Ética, ciência e cultura jurídica

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Brasil – Congressos. 2. Ética. 3. Ciência. 4. Cultura jurídica. I. Congresso Nacional da FEPODI. (4. : 2015 : São Paulo, SP).

CDU: 34

---



[www.fepodi.org](http://www.fepodi.org)

## **IV CONGRESSO NACIONAL DA FEPODI**

### **DIREITO, ARTE E LITERATURA**

---

#### **Apresentação**

Apresentamos à toda a comunidade acadêmica, com grande satisfação, os anais do IV Congresso Nacional da Federação de Pós-Graduandos em Direito – FEPODI, sediado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –PUC/SP, entre os dias 01 e 02 de outubro de 2015, com o tema “Ética, Ciência e Cultura Jurídica”.

Na quarta edição destes anais, como resultado de um trabalho desenvolvido por toda a equipe FEPODI em torno desta quarta edição do Congresso, se tem aproximadamente 300 trabalhos aprovados e apresentados no evento, divididos em 17 Grupos de Trabalhos, nas mais variadas áreas do direito, reunindo alunos das cinco regiões do Brasil e de diversas universidades.

A participação desses alunos mostra à comunidade acadêmica que é preciso criar mais espaços para o diálogo, para a reflexão e para a troca e propagação de experiências, reafirmando o papel de responsabilidade científica e acadêmica que a FEPODI tem com o direito e com o Brasil.

O Formato para a apresentação dos trabalhos (resumos expandidos) auxilia sobremaneira este desenvolvimento acadêmico, ao passo que se apresenta ideias iniciais sobre uma determinada temática, permite com considerável flexibilidade a absorção de sugestões e nortes, tornando proveitoso aqueles momentos utilizados nos Grupos de Trabalho.

Esses anais trazem uma parcela do que representa este grande evento científico, como se fosse um retrato de um momento histórico, com a capacidade de transmitir uma parcela de conhecimento, com objetivo de propiciar a consulta e auxiliar no desenvolvimento de novos trabalhos.

Assim, é com esse grande propósito, que nos orgulhamos de trazer ao público estes anais que, há alguns anos, têm contribuindo para a pesquisa no direito, nas suas várias especialidades, trazendo ao público cada vez melhores e mais qualificados debates, corroborando o nosso apostolado com a defesa da pós-graduação no Brasil. Desejamos a você uma proveitosa leitura!

São Paulo, outubro de 2015.

Yuri Nathan da Costa Lannes

**SELMA UMA LUTA PELA IGUALDADE: REFLEXÕES SOBRE O LEGADO DE  
MARTIN LUTHER KING E O RACISMO BRASILEIRO NA  
CONTEMPORANEIDADE**

**SELMA- ONE DREAM CAN CHANGE THE WORLD: REFLECTION ABOUT  
MARTIN LUTHER KINGS LEGACY AND THE BRAZILIAN RACISM IN THE  
CONTEMPORANEITY**

**Sergio Leandro Carmo Dobarro  
Andre Villaverde De Araujo**

**Resumo**

O presente estudo objetiva mostrar a importância de uma educação que evolua da visão mecanicista para uma visão holística, gerando uma didática fundamentada na discussão e reflexão junto aos alunos. Neste deslinde, foi empregada a obra cinematográfica Selma Uma Luta pela Igualdade que retrata a cinebiografia de Martin Luther King, um dos mais importantes líderes do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, e no mundo, com uma trajetória de amor ao próximo e não violência. Seu legado permanece resistente na luta quanto à igualdade de raças. Adotado o método hipotético-dedutivo, empregando enquanto processos técnicos e pesquisas bibliográficas, o presente estudo tem por princípio facilitar criticamente para a discussão a respeito do racismo brasileiro, em prol de uma legítima democracia, da igualdade de condições e oportunidades para os cidadãos negros, contrassensos estes intrínsecos ao próprio arquétipo capitalista de organização e reprodução da vida objetiva e subjetiva.

**Palavras-chave:** Martin luther king jr, Movimento dos direitos civis dos negros nos estados unidos, Racismo

**Abstract/Resumen/Résumé**

The present study aims to show the importance of an education evolving from a mechanistic view to a holistic view, creating a didactics based in the discussion and the reflection with the students. In this outcome, it was used the cinematographic work SELMA- One Dream Can Change the World which portrays the biography of Martin Luther King, one of the most important leaders in the black peoples civil rights in the United States and in the world, with a path of love of neighbor and nonviolence. His legacy remains strong in the fight for race equality. Adopting the hypothetical-deductive method, using it while employing technical procedures and bibliographical researches, the present study has as critically facilitator principle to the discussion about the Brazilian racism, in favor of a legitimate democracy, equality of conditions and opportunity to black citizens, a contradiction intrinsic to its own capitalist archetype of organization and reproduction of objective and subjective life.

**Keywords/Palabras-claves/Mots-clés:** Martin luther king jr, Black people's civil rights movements in the united states, Racism



## **SELMA – UMA LUTA PELA IGUALDADE: REFLEXÕES SOBRE O LEGADO DE MARTIN LUTHER KING E O RACISMO BRASILEIRO NA CONTEMPORANEIDADE**

### **SELMA- ONE DREAM CAN CHANGE THE WORLD: REFLECTION ABOUT MARTIN LUTHER KING’S LEGACY AND THE BRAZILIAN RACISM IN THE CONTEMPORANEITY**

#### **RESUMO**

O presente estudo objetiva mostrar a importância de uma educação que evolua da visão mecanicista para uma visão holística, gerando uma didática fundamentada na discussão e reflexão junto aos alunos. Neste deslinde, foi empregada a obra cinematográfica *Selma – Uma Luta pela Igualdade* que retrata a cinebiografia de Martin Luther King, um dos mais importantes líderes do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, e no mundo, com uma trajetória de amor ao próximo e não violência. Seu legado permanece resistente na luta quanto à igualdade de raças. Adotado o método hipotético–dedutivo, empregando enquanto processos técnicos e pesquisas bibliográficas, o presente estudo tem por princípio facilitar criticamente para a discussão a respeito do racismo brasileiro, em prol de uma legítima democracia, da igualdade de condições e oportunidades para os cidadãos negros, contrassensos estes intrínsecos ao próprio arquétipo capitalista de organização e reprodução da vida objetiva e subjetiva.

**Palavras-chave:** Martin Luther King Jr.; Movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos; Racismo.

#### **ABSTRACT**

The present study aims to show the importance of an education evolving from a mechanistic view to a holistic view, creating a didactics based in the discussion and the reflection with the students. In this outcome, it was used the cinematographic work “SELMA- One Dream Can Change the World” which portrays the biography of Martin Luther King, one of the most important leaders in the black people’s civil rights in the United States and in the world, with a path of love of neighbor and nonviolence. His legacy remains strong in the fight for race equality. Adopting the hypothetical-deductive method, using it while employing technical procedures and bibliographical researches, the present study has as critically facilitator principle to the discussion about the Brazilian racism, in favor of a legitimate democracy, equality of conditions and opportunity to black citizens, a contradiction intrinsic to its own capitalist archetype of organization and reproduction of objective and subjective life.

**Keywords:** Martin Luther King Jr.; Black People's Civil Rights Movements in the United States; Racism.

#### **INTRODUÇÃO**

O presente estudo traz como ferramenta didática o cinema como recurso perante a realidade globalizante e mutante da sociedade, uma atmosfera dirigida a resgatar a história e as ideologias predominantes, utilizando-se a discussão e transmissão de ideias e obras de sentido artístico, que estejam arroladas com as mais diferentes áreas do saber, podendo ser

entendido também como uma forma de entendimento entre o mundo real e a educação jurídica, algo válido no intuito de constatar até que ponto a incitação à sensibilidade e à concepção desta última, se transmuda na constituição de um raciocínio jurídico e no instigar de consciência humanística. Alicerçado no filme, almeja-se desenvolver uma aproximação entre a batalha de Martin Luther King Jr., de pastor protestante a ativista político estadunidense diante à existência da discriminação racial no Brasil na atualidade.

O trabalho começa delineando a trajetória de Martin Luther King Jr. Nascido em 15 de janeiro de 1929 na Geórgia, filho de um pastor batista ativo em relação aos direitos civis, King chegou a cogitar em cursar Direito, com a finalidade de um alicerce intelectual para compreender a filosofia social. Entretanto seguiu vida religiosa. Ótimo aluno, no seminário na Pensilvânia encontrou os trabalhos de Kant e Hegel, mas especialmente a doutrina de não violência de Gandhi, sendo seu norte por toda a vida e a luta contra a discriminação racial. Tornou-se à pessoa mais nova a receber o Prémio Nobel da Paz em 1964, pouco antes de seu assassinato.

Hoje em dia, o racismo tão combatido por Martin Luther King Jr. no Brasil se mostra como uma das vastas dificuldades a serem superadas pelo povo negro, já que esta conjuntura, acumulada a distribuição injusta da riqueza e dos abundantes benefícios gerados pela política econômica à classe dominante, sobretudo “branca”, relega a larga maioria negra a condições muito difíceis de sobrevivência.

Espera-se que a luta política pela igualdade entre negros e brancos não esteja desconectada do combate pelo fim de uma sociedade que pende a hierarquizar, homogeneizar culturas, e coisificar os ligames entre as pessoas que, em última instância, estão sentenciadas a serem amortecidas simultaneamente a mercadorias e consumidores.

Apenas assim é possível prover alicerces à investigação do problema central de pesquisa: qual o caminho para a diminuição, e, por conseguinte mesmo em longo prazo o fim do racismo, objetivando uma convivência harmoniosa entre todos os seres humanos, abolindo assim os rótulos que a sociedade constantemente costuma colocar?

Como viés metodológico para o desenvolvimento da pesquisa e seu deslinde lógico, será feita uma abordagem dedutiva. No mesmo sentido, a pesquisa procurou um respaldo teórico e bibliográfico, bem como de material filmográfico objetivando a contextualização do filme, junto à realidade na qual estamos inseridos.

## 1. SELMA – UMA LUTA PELA IGUALDADE

Em 28 agosto de 1963, Martin Luther King Jr. discursou sobre o sonho de uma América e um mundo com igualdade entre negros e brancos. O discurso foi feito em Washington, em uma marcha que juntou por volta de 250 mil pessoas contra as políticas racistas e pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos.

Suas palavras repercutiram em uma conjuntura de divisão e segregação racial no país que se intitulava como moderno e uma potência na liderança mundial. A medida que os norte-americanos possuíam as mais atualizadas tecnologias e armas, negros eram proibidos de partilhar ambientes com brancos, o matrimônio entre negros e brancos era proibido e jovens afrodescendentes tinham acesso restrito à educação. Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos realizavam a declaração de que aquele era o regime e o país onde todos as pessoas adorariam viver - fora os negros, que tinham de se limitar aos bancos reservados nos ônibus (PINTO, 2014, p. 01).

Estou feliz em me unir a vocês hoje naquela que ficará para a história como a maior manifestação pela liberdade na história de nossa nação.

Cem anos atrás um grande americano, em cuja sombra simbólica nos encontramos hoje, assinou a proclamação da emancipação [dos escravos]. Este decreto momentoso chegou como grande farol de esperança para milhões de escravos negros queimados nas chamas da injustiça abrasadora. Chegou como o raiar de um dia de alegria, pondo fim à longa noite de cativo.

Mas, cem anos mais tarde, o negro ainda não está livre. Cem anos mais tarde, a vida do negro ainda é duramente tolhida pelas algemas da segregação e os grilhões da discriminação. Cem anos mais tarde, o negro habita uma ilha solitária de pobreza, em meio ao vasto oceano de prosperidade material. Cem anos mais tarde, o negro continua a mofar nos cantos da sociedade americana, como exilado em sua própria terra. Então viemos aqui hoje para dramatizar uma situação hedionda.

Em certo sentido, viemos à capital de nossa nação para sacar um cheque. Quando os arquitetos de nossa república redigiram as magníficas palavras da Constituição e da Declaração de Independência, assinaram uma nota promissória de que todo americano seria herdeiro. Essa nota era a promessa de que todos os homens, negros ou brancos, teriam garantidos os direitos inalienáveis à vida, à liberdade e à busca pela felicidade.

É evidente hoje que a América não pagou esta nota promissória no que diz respeito a seus cidadãos de cor. Em lugar de honrar essa obrigação sagrada, a América deu ao povo negro um cheque que voltou marcado "sem fundos".

Mas nós nos recusamos a acreditar que o Banco da Justiça esteja falido. Nós recusamos a acreditar que não haja fundos suficientes nos grandes depósitos de oportunidade desta nação. Por isso voltamos aqui para cobrar este cheque --um cheque que nos garantirá, a pedido, as riquezas da liberdade e a segurança da justiça.

Também viemos para este lugar santificado para lembrar à América da urgência ferrenha do agora. Não é hora de dar-se ao luxo de esfriar os ânimos ou tomar a droga tranquilizante do gradualismo. Agora é a hora de

fazermos promessas reais de democracia. Agora é a hora de sairmos do vale escuro e desolado da segregação para o caminho ensolarado da justiça racial. É hora de arrancar nossa nação da areia movediça da injustiça racial e levá-la para a rocha sólida da fraternidade. Agora é a hora de fazer da justiça uma realidade para todos os filhos de Deus.

Seria fatal para a nação passar por cima da urgência do momento e subestimar a determinação do negro. Este verão sufocante da insatisfação legítima do negro não passará enquanto não chegar um outono revigorante de liberdade e igualdade. Mil novecentos e sessenta e três não é um fim, mas um começo.

Os que esperam que o negro precisasse apenas extravasar e agora ficará contente terão um despertar rude se a nação voltar à normalidade de sempre. Não haverá descanso nem tranquilidade na América até que o negro receba seus direitos de cidadania. Os turbilhões da revolta continuarão a abalar as fundações de nossa nação até raiar o dia iluminado da justiça.

Mas há algo que preciso dizer a meu povo posicionado no morno liminar que conduz ao palácio da justiça. No processo de conquistar nosso lugar de direito, não devemos ser culpados de atos errados. Não tentemos saciar nossa sede de liberdade bebendo do cálice da amargura e do ódio.

Temos de conduzir nossa luta para sempre no alto plano da dignidade e da disciplina. Não devemos deixar nosso protesto criativo degenerar em violência física. Precisamos nos erguer sempre e mais uma vez à altura majestosa de combater a força física com a força da alma.

A nova e maravilhosa militância que tomou conta da comunidade negra não deve nos levar a suspeitar de todas as pessoas brancas, pois muitos de nossos irmãos, conforme evidenciado por sua presença aqui hoje, acabaram por entender que seu destino está vinculado ao nosso destino e que a liberdade deles está vinculada indissociavelmente à nossa liberdade.

Não podemos caminhar sozinhos.

E, enquanto caminhamos, precisamos fazer a promessa de que caminharemos para frente. Não podemos retroceder. Há quem esteja perguntando aos devotos dos direitos civis 'quando vocês ficarão satisfeitos?'. Jamais estaremos satisfeitos enquanto o negro for vítima dos desprezíveis horrores da brutalidade policial.

Jamais estaremos satisfeitos enquanto nossos corpos, pesados da fadiga de viagem, não puderem hospedar-se nos hotéis de beira de estrada e nos hotéis das cidades. Não estaremos satisfeitos enquanto a mobilidade básica do negro for apenas de um gueto menor para um maior. Jamais estaremos satisfeitos enquanto nossas crianças tiverem suas individualidades e dignidades roubadas por cartazes que dizem 'exclusivo para brancos'.

Jamais estaremos satisfeitos enquanto um negro no Mississippi não puder votar e um negro em Nova York acreditar que não tem nada em que votar.

Não, não estamos satisfeitos e só ficaremos satisfeitos quando a justiça rolar como água e a retidão correr como um rio poderoso.

Sei que alguns de vocês aqui estão, vindos de grandes provações e atribulações. Alguns vieram diretamente de celas estreitas. Alguns vieram de áreas onde sua busca pela liberdade os deixou feridos pelas tempestades da perseguição e marcados pelos ventos da brutalidade policial. Vocês têm sido os veteranos do sofrimento criativo. Continuem a trabalhar com a fé de que o sofrimento imerecido é redentor.

Voltem ao Mississippi, voltem ao Alabama, voltem à Carolina do Sul, voltem a Geórgia, voltem a Louisiana, voltem aos guetos e favelas de nossas cidades do norte, cientes de que de alguma maneira a situação pode ser mudada e o será. Não nos deixemos atolar no vale do desespero.

Digo a vocês hoje, meus amigos, que, apesar das dificuldades de hoje e de amanhã, ainda tenho um sonho.

É um sonho profundamente enraizado no sonho americano.

Tenho um sonho de que um dia esta nação se erguerá e corresponderá em realidade o verdadeiro significado de seu credo: 'Consideramos essas verdades manifestas: que todos os homens são criados iguais'.

Tenho um sonho de que um dia, nas colinas vermelhas da Geórgia, os filhos de ex-escravos e os filhos de ex-donos de escravos poderão sentar-se juntos à mesa da irmandade.

Tenho um sonho de que um dia até o Estado do Mississippi, um Estado desértico que sufoca no calor da injustiça e da opressão, será transformado em um oásis de liberdade e de justiça.

Tenho um sonho de que meus quatro filhos viverão um dia em uma nação onde não serão julgados pela cor de sua pele, mas pelo teor de seu caráter.

Tenho um sonho hoje.

Tenho um sonho de que um dia o Estado do Alabama, cujo governador hoje tem os lábios pingando palavras de rejeição e anulação, será transformado numa situação em que meninos negros e meninas negras poderão dar as mãos a meninos brancos e meninas brancas e caminharem juntos, como irmãs e irmãos.

Tenho um sonho hoje.

Tenho um sonho de que um dia cada vale será elevado, cada colina e montanha será nivelada, os lugares acidentados serão aplainados, os lugares tortos serão endireitados, a glória do Senhor será revelada e todos os seres a enxergarão juntos.

Essa é nossa esperança. Essa é a fé com a qual retorno ao Sul. Com esta fé poderemos talhar da montanha do desespero uma pedra de esperança. Com esta fé poderemos transformar os acordes dissonantes de nossa nação numa bela sinfonia de fraternidade. Com esta fé podemos trabalhar juntos, orar juntos, lutar juntos, ir à cadeia juntos, defender a liberdade juntos, conscientes de que seremos livres um dia.

Esse será o dia em que todos os filhos de Deus poderão cantar com novo significado: "Meu país, é de ti, doce terra da liberdade, é de ti que canto. Terra em que morreram meus pais, terra do orgulho do peregrino, que a liberdade ressoe de cada encosta de montanha".

E, se quisermos que a América seja uma grande nação, isso precisa se tornar realidade.

Então que a liberdade ressoe dos prodigiosos picos de New Hampshire.

Que a liberdade ecoe das majestosas montanhas de Nova York!

Que a liberdade ecoe dos elevados Alleghenies da Pensilvânia!

Que a liberdade ecoe das nevadas Rochosas do Colorado!

Que a liberdade ecoe das suaves encostas da Califórnia!

Mas não só isso --que a liberdade ecoe da Montanha de Pedra da Geórgia!

Que a liberdade ecoe da Montanha Sentinela do Tennessee!"

Que a liberdade ecoe de cada monte e montículo do Mississippi. De cada encosta de montanha, que a liberdade ecoe.

E quando isso acontecer, quando deixarmos a liberdade ecoar, quando a deixarmos ressoar em cada vila e vilarejo, em cada Estado e cada cidade, poderemos trazer para mais perto o dia que todos os filhos de Deus, negros e brancos, judeus e gentios, protestante e católicos, poderão se dar as mãos e cantar, nas palavras da velha canção negra, 'livres, enfim! Livres, enfim! Louvado seja Deus Todo-Poderoso. Estamos livres, enfim!' (PREVIDELLI, 2013, p. 01 - 02).

A partir do momento que Luther Marther King Jr. pronunciou seu discurso há 50 anos, muitas leis segregacionistas foram derrubadas no país e muitos direitos foram garantidos aos negros. Ainda assim, as palavras do homem que se tornou símbolo do combate por meios não violentos ainda têm a mesma força e urgência das décadas passadas.

No Brasil, costuma-se apreciar uma comunhão racial equilibrada, acredita-se, até mesmo, que em nosso País não tem diferenciação de raças em razão da miscigenação. Entretanto, atualmente vê-se, sem observação a qualquer pesquisa ou informação estatística, que a preponderância dos desfavorecidos são os negros.

O autor Sales Augusto dos Santos disserta sobre a discriminação racial no Brasil:

Discriminamos os negros mas resistimos a reconhecer a discriminação racial que praticamos contra esse grupo racial. [...] o racismo está no outro bairro, na outra empresa, na outra universidade, na outra cidade, no outro estado, em outro país, entre outros, menos em nós mesmos. Nós, por mais que os dados estatísticos oficiais e não oficiais nos indiquem abismais desigualdades entre negros e brancos, achamos que não temos nada a ver com isso, pois a maioria absoluta dos brasileiros só vê o racismo dos outros e nos outros, nunca neles mesmos (SANTOS, 2003, p.86).

Observa-se que no Brasil, o mais penoso é reconhecer-se preconceituoso, mas atuações inconscientes mostram um racismo disfarçado, emitido em modestas ações.

Sobre o tema, Lilia Moritz Schuwarcz aborda:

[...] ninguém nega que exista racismo no Brasil, mas sua prática é sempre atribuída a 'outro'. Seja da parte que age de maneira preconceituosa, seja daquela que sofre com o preconceito, o difícil é admitir a discriminação e não o ato dediscriminar. Além disso, o problema parece ser o de afirmar oficialmente o preconceito e não o de reconhecê-lo na intimidade. Tudo isso indica que estamos diante de um tipo particular de racismo, um racismo silencioso e sem cara que se esconde por trás de uma suposta garantia da universalidade e da igualdade das leis que lança para o terreno privado o jogo da discriminação. Com efeito, em uma sociedade marcada historicamente pela desigualdade, pelo paternalismo das relações e pelo clientelismo, o racismo só se afirma na intimidade. E da ordem do privado, pois não se regula pela lei, não se afirma publicamente. No entanto, depende da esfera pública para sua explicitação, numa complicada demonstração de etiqueta que mistura raça com educação e com posição social e econômica. 'Preto rico no Brasil é branco, assim como branco pobre é preto', diz o ditopopular. Não se 'preconceitua' um vereador negro, a menos que não se saiba que é um vereador; só se discrimina um estrangeiro igualmente negro enquanto sua condição estiver pouco especificada (SCHUWARCZ, 1998, p.181).

Em nosso país o preconceito racial se faz presente em sua história, do passado escravista a uma abolição que de forma não suficiente modificou a condição dos negros no período, que se manifesta até os dias contemporâneos na permanência dos negros nos cargos

subordinados. Desse modo a abolição não instituiu a sólida libertação dos negros, já que para sobreviverem, deveriam continuar a ser submissos.

Expressado o conceito da “democracia racial”, essa ideia se manifesta como uma lenda a partir da análise de que no Brasil há um preconceito racial, inclusive, a supremacia da raça branca sobre a negra, a propagação desse raciocínio só contribui para a propagação do racismo encoberto, hodierno em nossa sociedade.

Vários autores não concordam com a chamada democracia racial, tão difundida, divulgando uma igualdade falsa e ilusória. Essa crença é uma importante ferramenta de predomínio ideológico irreal para o povo brasileiro.

Neste desenredar Eduardo Oliveira, defende que o mito da democracia racial é um empecilho para uma imprescindível discussão que trate a respeito de medidas que acabem com a discriminação racial:

Como herança ideológica, o mito da democracia racial nos persegue até hoje. Ele continua sendo base da crença nacional na inexistência de mecanismos de discriminação e se coloca como um eterno obstáculo ao debate sobre as relações raciais e culturais no País. No ideário da democracia racial criou-se na figura do mestiço um tipo ideal, capaz de diluir as características específicas (culturais e biológicas) dos diferentes conjuntos identitários. Entretanto, não podemos deixar de lembrar que este tipo ideal foi pensado, acima de tudo, como resposta ao potencial conflito da oposição branco-negro, numa sociedade fundada sob o signo da desigualdade entre as duas raças através do escravismo. Se o ideário da miscigenação tira do branco seu teor de "pureza", ele retira do elemento negro o direito à existência - deve-se considerar a influência da tese do embranquecimento entre nós (OLIVEIRA, 1997).

A utopia da democracia racial é considerada desta forma como um entrave a uma discussão densa e produtiva sobre a precisão da adoção de medidas concretas que acabem com a discriminação racial em nosso país.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O princípio da igualdade é admitido constitucionalmente, prontamente, deve ser considerado na sua completude para que se defira aos fundamentos do Estado Democrático de Direito a fim de se projetar uma coletividade fraterna.

A utopia da democracia racial ainda continua no Brasil, mas não tem baseamento, já, o racismo ainda é prática concreta em nossa coletividade e faz jus a que múltiplas forças se impilam para seu desarraigamento. A discriminação é aparente em todos os fragmentos da sociedade, seja na educação, mercado de trabalho, e outros costumes diários que corroboram

que, não obstante o segregacionismo brasileiro não ser tão manifesto como em países como África do Sul e Estados Unidos, ele continua de maneira acobertada e não menos desumano, por isso torna-se indispensável o seu reconhecimento para que se lute para o seu fim.

É basilar que um dos passos a ser dado na batalha contra o racismo principie na escola, para que esta seja um espaço de discussão, onde o aluno não só escute como também seja escutado, onde os pais e responsáveis, educadores e demais profissionais da área possam ouvir e falar e juntos determinar as novas direções quanto à questão da discriminação, só assim serão exibidos o desejo de toda a comunidade escolar rumo à humanização.

Com a morte de Martin Luther King, a exclamação que sempre individualizou suas apresentações orais dá lugar a uma ampla interrogação. O que se tem certeza é que, sem ele, a coordenação e o movimento dos direitos civis e o próprio país não serão mais os mesmos. Ícone do esboço de uma nova América, mais aberta a milhares que compõem as minorias que atualmente ficam a margem da sociedade, King não estará vivo para acompanhar os resultados de sua luta. Seu legado, no entanto, seguramente será lembrado não só pelos americanos como também pelo resto do mundo.

## REFERÊNCIAS

**A voz da alma.** O sonho da liberdade, o topo da montanha, a terra prometida: nos emocionantes discursos de Martin Luther King, as imagens que inspiraram multidões a seguir o caminho do reverendo. Edição extra: os discursos. A morte de Martin Luther King. **Revista Veja – Veja na história.** Publicado em: abr. 1968. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/historia/morte-martin-luther-king/discursos-eu-tenho-um-sonho-retorica-voz-alma.shtml>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

OLIVEIRA, Eduardo Hp de. Além, do nada: Estado, raça e ação afirmativa. **O racismo no Brasil:** a democracia em questão. Caderno n. 23, nov. 1997.

PINTO, Tales dos Santos. **Martin Luther King e a luta pela igualdade.** Mundo Educação. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com/historiageral/martin-luther-king.htm>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

PREVIDELLI, Amanda. Veja na íntegra o histórico discurso de Martin Luther King. **Revista Exame.** Publicado em: 28 ago. 2013. Disponível em:

<<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/veja-na-integra-o-historico-discurso-de-martin-luther-king?page=2>>. Acesso em: 01 jun. 2014.

SANTOS, Sales Augusto dos. Ação afirmativa e mérito individual. In: LOBATO, Fátima; SANTOS, Renato Emerson dos (Orgs.). **Ações afirmativas**: políticas públicas contra as desigualdades raciais. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

**SELMA – UMA LUTA PELA IGUALDADE**. Diretora: Ava DuVernay. Intérpretes: David Oyelowo, Tom Wilkinson, Carmen Ejogo, Tim Roth, Oprah Wnfrey. EUA/Inglaterra: Plan B Entertainment. 2014. 128 min.

SCHUWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: SCHUWARCZ, Lilia Moritz. **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.